

A obesidade na adolescência e seus reflexos na auto-imagem corporal* 3

Stefanie Dechen**

Maria Aparecida Tedeschi Cano***

Maria das Graças Carvalho Ferriani****

Rosane Pilot Pessa Ribeiro*****

RESUMO

A obesidade na adolescência acarreta sérias conseqüências por ser um período crítico onde as transformações corporais se iniciam, assumindo dimensões significativas e influenciando todo o processo psicossocial da formação da identidade do adolescente.

Objetivo: Conhecer a percepção de 14 adolescentes obesos de ambos os sexos, na faixa etária de 11 a 13 anos, integrantes do Programa Multidisciplinar de Assistência ao Adolescente Obeso desenvolvido no Campus de Ribeirão Preto – USP, com relação ao seu corpo e a influência deste na sua vida familiar, escolar e social.

Metodologia: Utilizamos a abordagem qualitativa e como instrumento de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada. A análise dos dados

* Projeto financiado pelo PIBIC/CNPq/USP e realizado na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) – Universidade de São Paulo (USP).

** Acadêmica do 8º semestre do Curso de Enfermagem da EERP – USP.

*** Professora Doutora aposentada do Depto. de Enfermagem Materno Infantil da EERP.

**** Professora Titular do Depto. de Enfermagem Materno Infantil da EERP – USP.

***** Professora Doutora do Depto. de Enfermagem Materno Infantil da EERP – USP.

Recebido em 05.12.00

Aprovado em 20.12.00

constituiu-se em descobrir os núcleos temáticos contido na fala dos adolescentes, identificando-se três núcleos.

Considerações Finais: Constatamos que os adolescentes estão insatisfeitos com o próprio corpo, possuem sentimentos como a angústia, vergonha e fracasso vivenciando experiências estigmatizantes que refletem de maneira negativa nas interações sociais.

1) INTRODUÇÃO

Historicamente, a obesidade é provavelmente uma das mais antigas enfermidades do homem. Segundo FISBERG (1995), desenhos rupestres mostram o homem pré-histórico com aspectos de peso excessivo para a sua altura. Na Idade Média e no Renascimento, o padrão estético feminino que se privilegiava era o da mulher com formas arredondadas, matronais. É a partir da década de 60 que tudo se modifica; inicia-se a busca de um corpo magro, atlético e de formas definidas como objeto de consumo. Atualmente, nos países em desenvolvimento como o Brasil, a situação em termos de Saúde Pública torna-se ainda mais séria, se considerarmos o processo de transição epidemiológica marcada pela coexistência de desnutrição energético-protéica e obesidade.

FISBERG (1995) conceitua a obesidade como sendo o acúmulo de tecido gorduroso, regionalizado ou em todo o corpo, causado por doenças genéticas endócrino-metabólicas ou por alterações nutricionais. A obesidade exógena ou nutricional é resultante do aumento de tecido adiposo provocado pelo desequilíbrio entre ingestão alimentar excessiva e gasto energético reduzido. É responsável por provavelmente 95% dos casos de obesidade e os 5% restantes, seriam os chamados obesos endógenos com causas hormonais, por tumores e determinadas síndromes genéticas.

A obesidade torna-se ainda mais problemática quando surge ou se agrava na adolescência, uma vez que é nessa fase da vida que o corpo físico assume dimensões significativas, quando as transformações corporais se iniciam. O jovem passa a assistir e a viver todo esse processo passivamente, sem poder interferir e nem sempre se sentir feliz diante da realidade que essas mudanças trazem.

Por ser a adolescência um período caracterizado pelas transformações físicas e psicológicas, é considerado oportuno tratar e prevenir a obesidade. Esta também pode acarretar, além dos problemas físicos de saúde, os de caráter psicossociais.

Para CHIPKEVITCH (1987), não se pode falar da adolescência sem falar do corpo; e do corpo sem falar da mente. Assim, as intensas transformações físicas e biológicas desta idade influenciam todo o processo psicossocial da formação da identidade do adolescente. A construção de

uma identidade pessoal neste período inclui, necessariamente, a relação com o próprio corpo.

Segundo SANTOS (1998), é no corpo obeso que o adolescente vivencia o sentido de seu existir e as manifestações do existir destes adolescentes obesos refletem uma época na qual há a valorização do corpo magro. O adolescente mantém constante preocupação com o peso visando um ideal de beleza imposto pelo corpo magro e a não aceitação de seu corpo o leva a se sentir marginalizado na sociedade, o que dificulta suas relações interpessoais.

Assim, segundo esta autora, adolescentes que se deparam com a obesidade têm muitos problemas e dificuldades em relação à aceitação de sua auto-imagem e à valorização de si próprio. Atualmente, muitos adolescentes obesos também foram crianças obesas, portanto pôde-se constatar desde a infância a depreciação da auto-estima em relação a crianças normais. A imagem corporal, segundo OSÓRIO (1992), é uma "representação condensada das experiências passadas e presentes, reais ou fantasiadas, conscientes e inconscientes". É, portanto, a idéia que o indivíduo tem de seu próprio corpo.

Para CAMPOS (1995), uma característica importante em pacientes obesos, é a depreciação da própria imagem física, sentindo-se inseguros em relação aos outros e imaginando que estes os vêem com hostilidade e desprezo. ALLON (1979) cita que adolescentes com sobrepeso, freqüentemente referem o peso como um fator importante na interação social.

Em outro estudo, HOOVER (1984) coloca como os programas de televisão e artigos de revistas bombardeiam os consumidores com numerosos anúncios de dietas para emagrecer, e ainda, como sendo as mulheres de corpo magro, quase anoréxicas, as mais admiradas aos olhos da sociedade. Assim, durante a sutil procura por uma identidade, o adolescente é confrontado com a realidade de sua imagem e com a tentativa de adaptá-la a imagem de seu ídolo.

À partir dessas concepções admite-se que o adolescente obeso enfrenta dificuldades em aceitar seu próprio corpo e o fato de ter excesso de peso. Assim, interessa-nos conhecer qual o significado de ser obeso para esses adolescentes e seu reflexo na auto-imagem, na vida familiar, escolar e social.

O trabalho de pesquisa que ora propomos é uma continuidade de um anterior, no qual pudemos organizar uma revisão da literatura sobre o tema "Auto - Imagem Corporal na Adolescência" e que servirá de subsídio para esta nova proposta. Ambos os trabalhos são parte dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar - PROASE da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, na área de sexualidade, nutrição e adolescência.

Os pesquisadores do núcleo vêm se preocupando com a questão da obesidade na adolescência e seu reflexo na saúde física e mental dos jovens. Sendo assim, iniciou-se em outubro de 1998 no Campus de Ribeirão Preto – USP, as atividades do Programa Multidisciplinar de Assistência ao Adolescente Obeso junto à cerca de 25 adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 11 a 14 anos. Estes adolescentes são oriundos das escolas de 1ª grau da rede oficial de ensino da cidade de Ribeirão Preto – SP que são atendidos pelo PROASE. As enfermeiras do PROASE foram as responsáveis por detectar e indicar, nas escolas, os adolescentes obesos que eram então, encaminhados para o referido programa.

A equipe multidisciplinar que integra este programa é constituída por um médico, professores de educação física, nutricionistas, psicólogos e enfermeiras; além de alunos de graduação e pós-graduação na área de enfermagem e psicologia. As atividades desenvolvidas por essa equipe e oferecidas aos adolescentes são: atividades motoras adaptadas, educação nutricional, orientação psicológica e encontros de vivência onde estes adolescentes têm a oportunidade de discutir e refletir questões referentes à adolescência e outros de interesse do grupo e que estão presentes no cotidiano deles.

2) OBJETIVO

Para essa etapa do trabalho é nosso objetivo conhecer a percepção de adolescentes obesos com relação ao seu corpo e a influência deste na sua vida familiar, escolar e social.

3) METODOLOGIA

Para alcançarmos os objetivos utilizaremos a abordagem qualitativa como caminho metodológico, pois a mesma trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos. Segundo TRIVINOS (1995), “muitas informações sobre a vida não podem ser quantificadas e precisam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao dado objetivo”.

Fizeram parte deste estudo, 14 adolescentes na faixa etária de 11 a 13 anos, sendo 7 do sexo feminino e 7 do sexo masculino que ingressaram no Programa Multidisciplinar de Assistência ao Adolescente Obeso, no 2º semestre do ano 1998 e 1º semestre do ano de 1999. Optamos por serem somente os adolescentes ingressos no ano 98/99 e não os adolescentes ingressos no programa no ano 2000, pelo fato de termos estabelecido um maior

vínculo com os mesmos ao longo de um ano de atividades do programa. Levamos em consideração a temática a ser abordada e o fato dos atores sociais estarem no período da adolescência.

Priorizamos nesta investigação, a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados. A entrevista teve como questões norteadoras: Pra você, o que significa ser gordo? E como é ser obeso na escola, na rua e dentro de casa? (Qual é a sua experiência?).

Este instrumento foi escolhido porque segundo MINAYO (1996) permite captar a informação desejada além de possibilitar ao entrevistado liberdade e espontaneidade para expressar-se sobre o tema. Através deste procedimento pudemos obter dados objetivos e subjetivos acerca do assunto investigado. E para apreender melhor as informações desejadas fizemos uso do gravador durante a entrevista.

Os adolescentes foram entrevistados individualmente, em dias diferentes e sempre após as atividades de educação física que ocorrem nas dependências do Centro de Educação Física, Esporte e Recreação – CEFER, Campus –USP / R.P. e tiveram duração mínima de 30 minutos.

3.1 – Questões Éticas

Para que pudéssemos iniciar a coleta de dados, o projeto recebeu aprovação da Comissão de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, em abril do ano 2000. E por serem os sujeitos desta investigação adolescentes, foi obtido junto aos pais ou responsáveis dos mesmos, autorização para participarem da entrevista através do termo de consentimento.

A coleta de dados ocorreu nos meses de maio/junho/julho do ano 2000.

4) ANÁLISE DOS DADOS

A análise temática consistiu em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado (MINAYO, 1996).

Para análise e interpretação dos dados deste estudo, seguimos os passos propostos por GOMES (1994) de ordenação dos dados, que realizamos através da transcrição das entrevistas, leitura repetida dos textos; após várias leituras, classificando os dados e organizando os núcleos de sentido. A seguir, realizamos a análise final utilizando os fragmentos das falas dos adolescentes, estabelecendo articulações entre estas e a teoria.

Segundo este autor, além de buscar respostas para as questões, com essa técnica pode-se caminhar na direção da descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo analisado.

Os 14 adolescentes que participaram de nossa investigação são estudantes de escolas de ensino fundamental da rede oficial de ensino da cidade de Ribeirão Preto; moram com a família, não exercem trabalho remunerado e não participam de outras atividades extra-escolares além das referentes ao programa. O Índice de Massa Corpórea (IMC) desses adolescentes variou de 25 a 36 kg/m², ou seja, apresentavam-se com sobrepeso ou eram obesos, segundo o *National Center for Health Statistics* (NCHS), referendado por MUST et al. (1991).

5) RESULTADOS

A partir da leitura repetida das entrevistas, foi possível organizar os seguintes núcleos de sentido: A relação com o corpo, O relacionamento social e O adolescente obeso e a família.

“A Relação com o Corpo”

Configurando-se em um núcleo de sentido desta investigação, a partir das falas de nossos atores sociais, pudemos detectar que os adolescentes não se consideram bonitos, atraentes e estão insatisfeitos com o corpo que possuem. E quando se referem a parte do corpo que menos gostam, percebemos que são aquelas onde o acúmulo de tecido adiposo é maior e mais visível, ou seja, onde as pessoas vão inevitavelmente olhar. Eles valorizam os padrões de beleza ditados pela moda, mídia e sociedade em geral, que é o modelo de corpo magro, como podemos exemplificar através das seguintes falas:

“Ser bonito é..., eu acho que tem que ser magrinha, sabe..., quero ser magra mas não consigo...” (D)

“Ter um corpo bonito é ser magro, tem que ter beleza, né...” (N)

“... ser gorda não é bonita, eu falo isso.” (A)

“... Ter um corpo bonito, como eu vou te explicar. (risos), não é ser gordo é ser magrinho e só.” (J)

“... menina assim como eu, acho que se eu tivesse menos barriga, eu acho que eu seria mais bonita... essas coisas...” (E)

“A barriga... ah, aquela barrigona grande assim... atrapalha, é isso.” (D)

“Minha barriga... ah, ela é muito grande (risos).” (H)

Da mesma forma, as partes do corpo que os adolescentes referem que mais gostam, se resume aquelas em que o acúmulo de gordura é mínimo ou não se faz presente, como podemos ver a seguir:

“Meus pés, ah... porque só isso é bonito.” (J)

“Ah, o olho, só o olho é bonito.” (B)

"O rosto... é a única parte que dá pra salvar." (O)

"Gosto mais do rosto porque você pode olhar as pessoas, aí você olha pelo rosto pra saber como é...; se você olha pra outra parte não dá pra ver como essa pessoa é." (D)

Nesta fase da vida, a construção da identidade pessoal inclui necessariamente a relação com o próprio corpo; essa relação se faz através da representação mental que o adolescente tem de seu corpo, ou seja, através de sua imagem corporal (OSÓRIO, 1992).

OGDEN & EVANS (1996) destacam que a mídia tem sido identificada como importante fonte de normas sociais de magreza, pois incentiva a comparação do "corpo percebido" com o "corpo ideal", contribuindo para a insatisfação com o corpo e a perpetuação da associação de magreza com atributos positivos (senso de controle, sucesso), gerando o sentimento de vergonha.

A questão da influência de padrões de beleza ditados pela mídia e de estereótipos de perfeição física que o adolescente busca para si, numa fase da vida de intensas transformações biopsicossociais, e nos quais ele não se enquadra acabam por gerar angústia e insegurança, quando o assunto é o corpo (SUPLICY et al., 1995).

Os adolescentes obesos, não só valorizam como desejam ser/ estar de acordo com os padrões de beleza estabelecidos pela sociedade, desejando também utilizar os meios que ela oferece para alcançar o "corpo ideal". As falas abaixo deixam explícito esse desejo:

"... mudaria o corpo, ah... sei lá..., tiraria bastante a barriga, bastante gordura, faria uma lipoaspiração; depois teria que fazer uma plástica pra tirar as sobras que ficar de pele porque esticou muito rápida minha pele e eu sou cheia de estrias, é horrível, ai... complica." (A)

"Ah... eu queria ficar magro, né, meu sonho é ficar magro e mudar meu cabelo..." (M)

"Ah, queria ser magro, só... aí a vida taria boa..." (O)

"Ah, eu tentava emagrecer completamente, porque aí, meu físico ia ficar bem." (H)

Segundo SANTOS (1998) a sociedade atualmente valoriza o modelo de corpo feminino esguio e esbelto, que se torna objeto de desejo entre as adolescentes.

Outro aspecto de grande destaque nas falas dos adolescentes foi em relação às roupas. A insatisfação principalmente das adolescentes do sexo feminino quanto às roupas que usam, deixa clara a associação com o fato de serem obesas. Foi uma constante nas falas, a preocupação em utilizar roupas que a sociedade de um modo em geral dita como sendo adequadas para as pessoas obesas, temendo comentários maldosos e repreensões, como podemos exemplificar a seguir:

“Eu vestiria uma saia..., eu ponho saia mas eu tenho vergonha por causa que eu tenho coxa muito gorda,... eu não uso porque eu tenho vergonha né, os outros vão falar: – Oh!, aquela menina gorda lá, tá usando blusinha curta.” (F)

“Quando eu me visto tenho que pedir opinião, porque... eu coloco uma saia, falam que saia não fica bem pra gordo, tem que ser shorts, camiseta! Eu queria usar shorts, calça coladinha, assim. Mas não dá ficam tirando sarro da minha cara, os outros começam a rir de mim, aí dá vontade de chorar!” (C)

“... aí eu coloco aquelas blusas assim que não aparece tanto, né. Eu não sinto bem porque fica aquelas marcas na barriga né, aí os outros ficam reparando, falando aquela menina gorda aí... Ah, eu penso nisso.” (D)

A preocupação com a aparência física é colocada por OSÓRIO (1992) como universal na vida dos jovens, que passam a perceber as mudanças constantes e abruptas do corpo. As vestes são concebidas como extensões ou prolongamentos do próprio corpo; adquirem para o adolescente um significado especial, pois podem alterá-las, modificá-las e escolhê-las de acordo com sua vontade.

O adolescente obeso em nossa sociedade pode não estar vivenciando livremente o significado especial atribuído às vestes neste período da vida, no sentido de poder escolhê-las de acordo com sua vontade.

Ainda segundo OSÓRIO (1992), a vestimenta além de ser facilmente mutável, pode ainda servir para identificar certos grupos de indivíduos, como os “hippies” e os “punks”.

“O Relacionamento Social”

Um outro núcleo de sentido que se configurou em nossa investigação é o ser adolescente obeso na escola, nos momentos de lazer e no relacionamento com os amigos. Podemos verificar que muitas vezes o adolescente obeso vivencia experiências estigmatizantes, ou seja, sofre com brincadeiras e apelidos pejorativos relacionados com o seu peso, trazendo diferentes sentimentos e reações frente a essas experiências. Os autores das brincadeiras e apelidos são amigos, outras crianças da escola e da rua onde moram, conforme podemos verificar nesses fragmentos de falas:

“... Uma vez só colocaram apelido, mas foi uma vez só, me chamavam de boi xifão, gorda, feia, eu não deixava, na lata!... É um tapa só na cara... Pra mim não bater em alguém eu começo a chorar, fico com raiva, nervosa...; já aconteceu de eu bater num menino e ir parar na diretoria, levei advertência. É na escola, até gente da minha classe... às vezes, lá na rua, né, por causa dos meninos..., o problema sempre é os meninos.” (A)

"Oh,... baleia, Free Willy... ah, eu fico bravo. Essas coisas me irritam, eu não gosto, aí eu parto para a agressão, eu não gosto; aí eu fico chateado, triste, eu quero melhorar." (M)

"Minha mãe teve uma vez que ela veio conversar com a professora porque eu chegava em casa chorando, porque tinha uns meninos que ficavam cantando musiquinha pra mim." (C)

"... lá na escola, os moleques ficam fazendo brincadeiras, me chamam de Titanic por causa do peso, mas eu já acostumei... não falo nada não, não dou bola." (N)

Em seu estudo, NEUMARK et al. (1998) apontam para o relato de experiências estigmatizantes de adolescentes obesas, que descreviam serem tratadas de maneira diferente, sendo alvo de comentários, brincadeiras e apelidos pejorativos relacionados ao seu peso; elas relatam como sendo os familiares, outras crianças e adolescentes e até mesmo as pessoas desconhecidas, os atores dessas experiências estigmatizantes. A escola e o ambiente familiar são os lugares em que essas experiências mais ocorrem. As atitudes dessas adolescentes frente a essas experiências foram diversas, mas a maioria tentava ignorar essas situações e também apresentava sentimentos de tristeza, raiva, dor e impotência. Tudo isso pode vir a gerar um impacto negativo na auto-estima, imagem corporal e levar ao isolamento social, com o objetivo de se proteger e suportar essas situações.

Outra situação encontrada, foi a dificuldade que vários adolescentes enfrentam na hora de fazer novos amigos e na convivência com os mesmos, devido ao fato de serem obesos, conforme segue:

"Eu falei pra ela: Oi!... Aí ela só respondia; aí eu pedi pra ela ser minha amiga, então ela falou que não podia, porque só tinha amizade com magrinha..." (C)

"... na hora de fazer amigos, não, mas depois... aí, depois eles começam com apelidos, xingar..." (O)

"... se a pessoa for orgulhosa, magrinha, bonitinha, super inteligente, tudo bem! Mas se é gorda, ela não vai dar bola... Aí se quer fazer amizade com ela, não consegue... porque ela pensa que você é retardada, que não sabe de nada..." (A)

De acordo com HOOVER (1984), o corpo é freqüentemente a parte da pessoa que inicialmente é apresentada para o mundo em interações sociais e o modo como nós pensamos que os outros vêem o nosso corpo, é refletido em nosso auto-retrato e auto-imagem.

O sentimento de angústia, inferioridade e rejeição, estão presentes por trás das falas, indo além do que é manifestado. Devemos nos lembrar ainda, que os grupos de amigos dominam o mundo social do adolescente, configurando-se nesta etapa da vida a mais poderosa força social; pois é com o

“grupo de iguais” que o adolescente compartilha e troca experiências, servindo como modelo de identificação para a organização da identidade (TIBA, 1986).

O estudo psicológico realizado por ANDRADE (1995), com adolescentes obesos em acompanhamento no Ambulatório de Obesidade Infantil – Universidade Federal de São Paulo, revelou o quanto os adolescentes se sentem infelizes com sua gordura, pois são rejeitados pelos colegas, esquecidos na hora do recreio e apelidados. E por sentirem essa hostilidade do grupo, podem responder com comportamentos agressivos e acabam sendo por essas atitudes, ainda mais rejeitados.

Ainda dentro desse núcleo de sentido, a limitação na realização de atividades físicas, que caracteriza a maioria das brincadeiras e atividades de lazer de crianças e adolescentes, surgiu como mais um obstáculo real em consequência do excesso de peso, trazendo prejuízos no que diz respeito a interação social e auto-estima, associado a sentimentos de impotência e fracasso. As falas abaixo confirmam:

“... tem dia que eu brinco com meus amigos e eu nem consigo alcançar eles, porque eles correm bem mais rápido que eu,... Queria ficar magro, porque eu acho que magro tem mais disposição pra correr...” (J)

“... no pique-e-pegas..., a gente dá uma balançadinha, tropeça, cai e faz aquela rodinha e começam a rir...” (C)

“... Ah, quando eu vou correr canso, aí eu não consigo correr, tem que parar, porque corro, corro, só que quando chega ali na metade, páro e não consigo, parece que dá uma coisa no joelho...” (D)

“Correr, é a única coisa que eu não consigo fazer...” (A)

Observamos que o desempenho na atividade física é um importante determinante das características físicas do adolescente. Segundo OUTERIAL (1994), o adolescente começa a ter uma idéia concreta de seu esquema corporal através da identificação e comparação do seu corpo com o de outros adolescentes.

Verifica-se também, que a limitação para correr e realizar outras atividades físicas é referida quase que predominantemente pelos adolescentes do sexo masculino, enquanto que as adolescentes do sexo feminino relatam mais preocupações em relação as limitações quando o assunto é roupa.

“O Adolescente Obeso e a Família”

Assim como a escola e a rua, o ambiente familiar também se caracteriza como sendo o local onde experiências estigmatizantes a respeito do peso acontecem, e o(s) irmão(s) “magro(s)” o(s) autor(es) absoluto(s) dessas experiências. Este núcleo de sentido configurou-se a partir das seguintes falas:

“Com meus pais tudo bem, mas só que a minha irmã, a magra, né, ela gosta de me chamar de gorda feia...” (A)

“A minha irmã, tudo que vem na cabeça ela fala, tudo que tem gorda no meio..., daí só que eu não consigo dar apelido pra ela... ela é magrinha... eu fico triste, sinto vergonha né, dela tá falando..., aí vou pro quarto; aí eu falo pra minha mãe, e ela dá bronca nela, aí ela começa a chorar e pára...” (D)

“Meu irmão, ele me chama de gorda, Free Willy, mas meus pais impedem dele falar, mas ele fala. É difícil porque ele é magro, não dá pra falar nada... Fico aborrecida.” (E)

“Ah, minha irmã, quando ela tá brava me chama de gorda. Ah... Aí vou lá e dou uns tapinhas nela...” (G)

Os pais não se encontram como críticos, mas como defensores dos seus filhos obesos, interferindo nas brigas e reprimindo o irmão “agressor”. Para TIBA (1986), quando os pais interferem na brigas, raramente encontra-se a satisfação de todos e sim um: “vamos acabar com isso”; querendo ser neutros e justos, acabam sendo imparciais e injustos...

JIMÉNEZ et al. (1992), apontam a adolescência como uma etapa crítica no desenvolvimento do indivíduo, durante a qual se consolidam os costumes alimentares, auto-imagem corporal e os traços da personalidade. Deste modo, percebemos a importância da família na instalação e manutenção da obesidade, através de seus hábitos alimentares, sua dinâmica e estilo de vida. Muitas vezes, as atitudes dos pais são ambíguas, confusas, não exercendo influência positiva na vida de seus filhos. Como reflete a fala da adolescente a seguir:

“... tô tentando, tentando, só que todo dia eu vou na minha casa como chocolate, que meu pai traz... ele não ajuda..., por outro lado, o negócio de meu pai é que eu tenho que emagrecer mesmo...” (D)

Esta frase de certa forma confirma a ambigüidade de sentimentos que envolvem os pais, ora tentando mostrar a importância do emagrecimento, ora querendo agradar e mostrar carinho, dentro do estilo próprio de vida, o que dificulta o entendimento do adolescente.

6) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando ao nosso objetivo, que é conhecer a percepção de adolescentes obesos com relação ao seu corpo e a influência deste na sua vida familiar, escolar e social, pudemos apreender que a relação com o corpo se faz de maneira conflituosa, carregada de sentimentos como a angústia, a vergonha e o fracasso. E, ao mesmo tempo em que manifestam a insatisfa-

ção quanto ao corpo que possuem, os adolescentes obesos valorizam e desejam obter um corpo magro, que é o modelo estabelecido e transmitido através da moda, mídia e sociedade em geral como sendo o ideal. A influência da obesidade nos relacionamentos sociais dos adolescentes é percebida de forma negativa, através das inúmeras experiências estigmatizantes vivenciadas em seu cotidiano. Os sentimentos de tristeza, raiva e rejeição frente a essas experiências estigmatizantes (vivenciadas principalmente na escola e no ambiente familiar) foram constantes, prejudicando as interações sociais.

Concordamos com COLLI et al. (1995), quando dizem que a adolescência é uma etapa na qual a preocupação com o próprio físico passa a primeiro plano. O adolescente possui uma enorme necessidade de ver sua identidade reconhecida e aceita pelas pessoas – adultos e os outros adolescentes – que sejam significativos para ele. É este reconhecimento e aceitação, que lhe assegura um conceito positivo de si mesmo.

Desta forma, este trabalho vem alertar os profissionais de saúde e educação que trabalham com adolescentes sobre a questão do corpo neste período, em particular, o significado que o mesmo assume para o adolescente obeso. É importante ressaltar que a construção da identidade pessoal se dá na adolescência, inclui necessariamente a relação com o corpo e se concretiza através da representação mental que o adolescente tem dele, ou seja, através da sua imagem corporal.

Reforçamos ainda, a importância da continuidade, expansão e criação de novos projetos específicos como o Programa Multidisciplinar de Assistência ao Adolescente Obeso desenvolvido no Campus de Ribeirão Preto-USP, que tem como objetivo geral atender as necessidades dessa população e proporcionar um crescimento e desenvolvimento harmonioso, com qualidade de vida para os adolescentes obesos.

7) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLON, N. *Self-perceptions of the stigma of overweight in relation to weight-lossing patterns*. Am. J. Clin. Nutr.; v. 32, p. 470-480, 1979.
- ANDRADE, T. M. *Estudo psicológico de crianças e adolescentes obesos*. In: FISBERG, M. *Obesidade na Infância e Adolescência*. São Paulo: Fundação BYK AGE. p. 100-104, 1995.
- CAMPOS, A. L. R. *Aspectos psicológicos da obesidade*. In: FISBERG, M. *Obesidade na Infância e Adolescência*. São Paulo: Fundação BYK AGE. p. 71-79, 1995.
- CHIPKEVITCH, E. *O adolescente e o corpo*. *Pediatria Moderna*, v. 23, n. 6, p. 231-237, jul./agost., 1987.
- COLLI, C.; PALÁCIOS, J. E.; MARCHEZI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, cap. 22, 1995.

- FISBERG, M. *Obesidade na infância e adolescência*. In: FISBERG, M. *Obesidade na Infância e Adolescência*. São Paulo: Fundação BYK AGE, p. 9-13, 1995.
- GOMES, R. A. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, p. 67-80, 1994.
- HOOVER, M. L. The self-image of overweight adolescent females: A Review of Literature. *Maternal Child Nursing Journal*. v. 13, p. 125-37, 1984.
- JIMÉNEZ, R.; LEÓN, J. D.; MALACARA, J. M. La percepción de la función familiar y el desarrollo psicosexual en el adolescente obeso. *Revista Investigacion Clínica*. v. 44, n. 4, p. 525-30, 1992.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1996.
- MUST, A.; DALLAL, G.; DIETZ, W. H. Reference data for obesity : 85th and 95th percentiles of body mass index (wt/ht²) and triceps skinfold thickness. *Am. J. Clin. Nutrition*. v. 53, p. 839-46/v. 54, p. 773, 1991.
- NEUMARK, S.; SZTAINER, D.; STORY, M.; FAIBISH, L. Perceived stigmatization among overweight African – American and Caucasian adolescent girls. *Journal Adolescent Health*. v. 23, n. 5, p. 264-270, 1998.
- OGDEN, J.; EVANS, C. The problem with weighing effects on mood, self-esteem and body image. *International Journal of Obesity*. v. 20, n. 3, p. 272-7, 1996.
- OSÓRIO, L. C. *Adolescente Hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer: estudo sobre a adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- SANTOS, M. F. *O sentido de existir de adolescentes que se percebem obesas: uma abordagem à luz de Merleau – Ponty*. Ribeirão Preto, 1998, 210 p. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho d'Água, 1995. p. 120.
- TIBA, I. *Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial*. 5. ed. São Paulo: Ágora, 1986.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.